

**ERRÂNCIA DE GABRIELA MISTRAL NA EUROPA:
O PERÍODO PORTUGUÊS.
GABRIELA MISTRAL'S WANDERINGS IN EUROPE:
THE PORTUGUESE PERIOD.**

PEDRO MIGUEL GON
Investigador independente
pedro.miguel.gon@sapo.pt
<https://orcid.org/0000-0001-9738-6955>

Texto recebido em / Text submitted on: 06/09/2025
Texto aprovado em / Text approved on: 25/02/2026

Resumo

Gabriela Mistral foi um dos vultos da literatura universal que mais intensa vida errante levou. Sendo pouco conhecido o período português dessa errância pelo mundo, procura-se iluminar aqui o intervalo de tempo entre 1935 e 1937, nomeadamente a sua inclusão na «Embaixada Cultural de 1935». Contrariando a costumada desvalorização da importância dessa etapa, descobrimos que afinal deixou marcas profundas na vida de Mistral, nomeadamente pelo encontro espiritual com Miguel de Unamuno e pela consolidação da carreira diplomática. Aborda-se também a passagem de Mistral pela cidade e Universidade de Coimbra.

Palavras-Chave

Gabriela Mistral; António Ferro e Fernanda de Castro; «Embaixada Cultural de 1935»; Coimbra; visitantes.

Abstract

Gabriela Mistral was one of the world's literary figures who led the most intense wandering life. While the Portuguese period of those wanderings around the world is little known, this article seeks to shed light on the timeframe from 1935 to 1937, particularly her inclusion in the 'Cultural Embassy of 1935'. Contrary to the usual undervaluation of the importance of this stage, we discover that it ultimately left profound marks on Mistral's life, namely through her spiritual encounter with Miguel de Unamuno and the consolidation of her diplomatic career. Mistral's time in the city and at the University of Coimbra is also discussed.

Keywords

Gabriela Mistral; António Ferro and Fernanda de Castro; 'Cultural Embassy of 1935'; Coimbra; visits.

Quando Gabriela Mistral pronunciou o discurso de aceitação do Prémio Nobel de Literatura, num certo dia de dezembro de 1945, tomou ao seu abrigo a causa da língua portuguesa. Era quase uma ousadia fazer-se representante de uma língua que não era a sua, defendendo-a sem mandato e tornando-a presente em Estocolmo, mas fê-lo por generosidade e reconhecimento dos poetas portugueses que leu e da cultura portuguesa que conheceu de perto. Lá, no palco da Academia Sueca, Gabriela Mistral pronunciou as seguintes palavras: «Por una venturanza que me sobrepasa, soy en este momento la voz directa de los poetas de mi raza y la indirecta de las muy nobles lenguas española y portuguesa. Ambas se alegran de haber sido invitadas al convivio de la vida nórdica»⁽¹⁾. É caso para dizer que muito antes de Saramago, que recebeu o Prémio Nobel da Literatura em 1998, já a língua portuguesa tinha sido uma vez dignificada na Academia Sueca por Mistral. Só por este detalhe, tão significativo, nos surpreende que a chilena não seja conhecida entre os portugueses.

A relação de proximidade de Mistral com Portugal explica-se, em parte, pela própria presença física. Estando Mistral na carreira diplomática, residiu em Portugal quase dois anos, entre outubro de 1935 e agosto de 1937. Mas antes de estabelecer residência em Lisboa, ou seja, quando ainda tinha um posto no consulado de Madrid, visitou

(1) BNDC: «Palabras pronunciadas por Gabriela Mistral» (BN Código: AE0014582).

Portugal pelo menos duas vezes: umas férias curtas no fim de dezembro de 1934; e uma viagem, «fui por un mes, invitada por el gobierno con otros escritores»⁽²⁾, em junho de 1935.

Foi no período em que residiu em Portugal que melhor tomou contacto com a cultura portuguesa. Conheceu então escritores portugueses contemporâneos e leu várias obras centrais da literatura portuguesa. Chegou a tornar-se admiradora de Antero de Quental, autor que louvou mais que outros. Alguns dos seus textos em prosa, os famosos *Recados*, pelo menos quatro, são sobre tópicos da cultura portuguesa. Também aprendeu a ler em Português, a falar o Português, que mais tarde voltou a usar no Brasil, e apreciou as singularidades da língua lusa. Aprendeu sobretudo a usar a palavra *Saudade*, da qual se apropriou e reutilizou na prosa, sobretudo nos *Recados*, logo em 1935, na correspondência e na poesia. E, por fim, uma parte significativa da sua obra foi escrita naqueles anos em que viveu e percorreu Portugal, nomeadamente, os poemas que depois foram incluídos em *Tala* (1938), talvez a sua obra maior.

Apesar deste contacto demorado com Portugal e com a cultura portuguesa, que a levou a celebrar a língua portuguesa, não se vislumbra entre os portugueses um reconhecimento disso mesmo. Durante décadas não houve uma única obra de Mistral traduzida em Portugal. Existia apenas uma antologia organizada por Pinto do Amaral, a convite do editor Veiga Ferreira⁽³⁾, que foi publicada pela Editorial Teorema em 2002: trata-se de uma *Antologia Poética* com base nos cinco livros de poesia da autora – *Desolação* (1922), *Ternura* (1924), *Tala* (1938), *Lagar* (1954) e *Poema do Chile* (1967) –, deixando de fora, por conseguinte, toda a obra em prosa. Ainda que uma «antologia certamente pequena perante tudo o que escreveu Gabriela Mistral» (Amaral 2002: 11), era um caso único, que já não se encontra nas livrarias e que só com muita dificuldade se descobre em alfarrabistas. Mas em tempos mais recentes, uma pequena editora decidiu publicar, pela primeira vez, traduções integrais de obras poéticas de Mistral. Com o apoio do estado chileno, a Antítese Editores lançou *Lagar* (2019), *Tala* (2020) e *Poema de Chile* (2022), todas com tradução de Diogo Fernandes.

(2) Carta a Graciela de Menéndez (Mistral 2020b: 191).

(3) Entrevista a Carlos da Veiga Ferreira: <https://casamericalatina.pt/2019/07/04/carlos-da-veiga-ferreira-para-mim-a-gabriela-mistral-e-uma-poeta-mais-importante-do-que-o-pablo-neruda/>.

O período em que Mistral viveu em Portugal é a parte menos estudada da sua biografia. Alguns biógrafos, como Elizabeth Horan ou Ana Caballé, consideram que esse período que vai de 1935 a 1937 é o mais obscuro para quem a pretende conhecer. O melhor texto dedicado a esse período é relativamente recente e deve-se à investigadora Elizabeth Horan. Não detetámos qualquer investigador português com o mesmo interesse. Os demais estudos evadem-se do tema Portugal e centram-se em períodos mais fáceis, como os de México, Brasil e Estados Unidos, porque mais longos e mais documentados. Ou então o período europeu, visto de um modo muito geral, cabendo os dois anos passados em Portugal numa frase. Se são raros os estudos sobre a presença de Mistral em Portugal, ainda mais raros são os estudos sobre a autora chilena em Coimbra. Arriscamos a dizer que antes deste nunca foi feito nenhum.

A construção da sombra

Se em Portugal Mistral é mal lembrada, no resto do mundo, e no próprio país natal, a imagem que dela resta não é a mais nítida. Há várias camadas de sombra que turvam a visão da mulher-autora-poeta. Primeiro, antes do Nobel, tentou-se apagar a visibilidade da autora empurrando-a para fora dos palcos. Depois, a seguir à atribuição do Nobel, foi coberta, como a seguir se verá, de véus interpretativos tergiversadores que se foram tornando opacos, ao ponto de deixar de ser visível a verdadeira autora. Interpretações que nada interessavam à autora, mas que foram a maneira alheia de a compreender e aceitar. À parte das estratégias exógenas de ocultação, não podemos esquecer também as estratégias pessoais de ocultação, endógenas, quando é a própria a erguer véus para se camuflar, num esforço de dissimular dimensões da sua vida que queria manter longe do olhar alheio.

A sua prestação de mulher, nos anos 1920-1930, que não casara, não tinha marido, não tinha um lar para cuidar, sem filhos e se dedicava a tarefas masculinas, até ganhando protagonismo internacional em instituições de relevo, como a Sociedade das Nações, tornaram-na uma figura incómoda nos meios conservadores chilenos. Além disso era uma mulher que fumava muito e não gostava de usar chapéu. Para muitos era conveniente afastá-la do olhar público. Acabaria por sair do país em diferentes vagas, primeiro para o México (anos 1920), depois Europa

(anos 1930), depois Brasil (anos 1940) e depois Estados Unidos (anos 1940-1950). Passou tanto tempo fora do Chile que é difícil determinar se essa saída foi um exílio ou um autoexílio. Volodia Teitelboim, autor da primeira grande biografia sobre Mistral, designa esse movimento como «Autoexílio Perpetuo», uma vez que «abandona un país en el que se siente incomprendida, vejada, insultada» (Teitelboim 1996: 142). Jaime Quezada, outro importante biógrafo, designa o percurso da chilena de «errancia o extranjería de vagabunda voluntaria» (Quezada 2002: 11).

Tal como no Chile se tentou neutralizar Mistral, enviando-a para longe, também alguns políticos europeus tentaram empurrá-la para recantos menos visíveis. O modo como se deixou empurrar tinha, no entanto, condições de precariedade: aceitou um cargo na carreira diplomática que oferecia pouca segurança económica, pois estava no fundo da carreira, numa posição de mero Cônsul Honorário, cujo vencimento dependia de uma comissão por cada operação realizada.

Começa a carreira diplomática em Itália, em 1932, no posto consular de Nápoles, e começou logo mal, porque nunca conseguiu apresentar as cartas de representação que, nos termos do protocolo diplomático, é a primeira tarefa a cumprir quando se chega ao país anfitrião. Mussolini recusou-se a reconhecê-la como uma figura consular oficial. O governo italiano não aceitava mulheres em cargos diplomáticos. Na verdade, Mistral era a primeira mulher chilena a desempenhar funções na carreira diplomática.

Quando chega a Madrid, em 1934, ainda não deflagrara a Guerra Civil e Franco ainda não tinha tomado o poder, mas a República já vivia as tensões contraditórias que acabariam por a dilacerar. Nesse ambiente de tensão e intriga, alguém teve acesso a uma carta pessoal de Gabriela Mistral enviada ao casal Donoso⁽⁴⁾ onde criticava o império colonial espanhol em termos muito ácidos, e, vendo ali uma oportunidade de diminuir aquela mulher em funções masculinas, publicou-a à revelia: escândalo (Caballé 1993: 240). As autoridades espanholas tomaram o texto como um insulto diplomático e pediram reparação ao Estado Chileno. Era uma autêntica catástrofe para quem apenas começara a carreira diplomática. Mistral viu-se obrigada a sair de Madrid à pressa, num prazo de 48 horas, antes que fosse considerada *persona non grata*. Empurrada mais uma vez.

(4) Carta a Maria e Armando Donoso (Mistral 2020b: 181-190).

Depois do Nobel, os processos de invisibilidade continuaram a ser montados e, ironicamente, a contribuir para o apagamento da sua obra. Mistral é a poeta maior da literatura chilena e uma figura maior da literatura da América Latina:

elle est le premier écrivain d'Amérique Latine (et la première femme) à obtenir le Prix Nobel de Littérature en 1945 (avant Miguel Ángel Asturias en 1967, Pablo Neruda en 1971, Gabriel García Márquez en 1982, Octavio Paz en 1990 et Mario Vargas Llosa en 2010) (Pergoux-Baeza 2018: 2).

O seu nome tornou-se muito conhecido, podemos descobri-lo por toda a parte, dando nome a escolas, parques, ruas, mas a obra tem ficado em segundo plano.

Todavia, a maneira como lhe queriam reconhecer o valor não coincidia com o modo como a própria se queria mostrar. A interpretação muito circunscrita da sua obra impôs uma distorção do seu significado, pois Mistral passou a ser associada a motivos poéticos compatíveis com «représentations traditionnelles du féminin» (Pergoux-Baeza 2018: 3), ou seja, limitada a temas como

la passion amoureuse, l'obsession de la mort, l'éternité, Dieu, la nature et la vie rurale. Les poèmes les plus connus et les plus étudiés (en particulier à l'école au Chili) sont également les plus conventionnels (sur les enfants, les gens modestes ou défavorisés, la nature, etc.) (Pergoux-Baeza 2018: 3).

Este tipo de formatação começou logo no discurso de apresentação da autora na entrega do Prémio Nobel de Literatura a 10 de dezembro de 1945. O senhor Hjalmar Gullberg elogia na obra de Mistral a expressão do amor maternal, do cuidado pelas crianças, do papel de educadora, o diálogo com a natureza, entre outras. Faz referência ao episódio trágico que se situa no dealbar da carreira literária de Mistral, o suicídio do seu amante – que se matou com uma bala na cabeça –, como se fosse um caso de desespero amoroso e não de aflição financeira. Esse episódio está, afinal, na origem dos poemas recolhidos na primeira obra *Desolación* (1922). A obra da poeta chilena seria, portanto, um modo de transferir para as crianças o amor maternal que nunca teria conseguido concretizar por morte trágica do seu amante. Gabriela Mistral «transferred her

natural love to the children she taught» e, em consequência, «became the poet of motherhood by adoption» (Gullberg 1945: s/p).

Mistral não apreciava esta visão estreita do seu trabalho poético e lutou contra ela. Prova disso é que em 1947 quando foi publicada, na editora Gallimard, uma antologia de poemas seus, Mistral recusou o prólogo que Valéry redigiu. Segundo Teitelboim, os membros do movimento que preparou a proposta de Mistral para o Prémio Nobel da Literatura, consideravam que «para ganar el Premio Nobel es requisito indispensable (...) estar traducido al francés, lengua puente para una posterior versión sueca» (Teitelboim 1996: 225), de modo que trataram de encomendar uma tradução, entregue a Mathilde Pomes, e ainda decidiram «solicitar la introducción consagratoria a Paul Valéry» (Teitelboim 1996: 225). Conseguir publicar uma obra no mercado francês com prefácio de Valéry seria um enorme trunfo, pois a assinatura do eminente autor francês funcionaria como um selo de qualidade que levaria o público a prestar-lhe atenção. Porém, Mistral não gostou do juízo crítico do francês, que despromovia a sua poética, reduzindo-a a uma construção ingénua, e sendo Valéry «el pontífice de la poesía pura, desdeñoso de la materia, dicha certificación le sabe a injuria» (Teitelboim 1996: 226).

Depois da morte da poeta, em 1957, o estado chileno acentuou a tendência conservadora de entender Mistral. Quiseram vê-la apenas como uma poeta do feminino restrita aos temas do amor perdido, ao abandono; ou então, a poeta pueril que escreve para crianças. Por pressão ideológica, a interpretação da obra de Mistral nunca tomou a via da preocupação social pelos mais desfavorecidos ou pelas causas humanitárias. Procurou-se apagar a leitura perigosa, «effacer l'engagement pour des causes humanitaires qui a toujours été celui de Gabriela Mistral, et ne retenir de son oeuvre que les aspects les moins dérangeants et les plus proches du conservatisme social dominant» (Pergoux-Baeza 2018: 8). Esta maneira de 'ver' a obra de Mistral foi, afinal, uma maneira de 'não-ver', funcionando como uma redução da sua obra.

No regime ditatorial de Pinochet (1973-1990) os estereótipos conservadores foram ainda mais reforçados e a desfiguração da imagem de Gabriela Mistral foi ainda mais longe. Da mesma forma que o «Général Pinochet s'était auto-désigné "père de la patrie", Mistral devenait ainsi "mère de la patrie": mère sans enfants, certes, mas mère de tous les Chiliens» (Pergoux-Baeza 2018: 11). Numa comunidade tão católica e conservadora o raciocínio era este: o que é uma mulher que nunca casou, que nunca teve

filhos, mas que educou e protegeu crianças, que lhes dedicou poesia pueril senão uma «femme-vierge-sainte» (Pergoux-Baeza 2018: 11)?

Ninguém estava à espera do escândalo que, entretanto, se abateu, 40 anos depois da sua morte, sobre a grande figura icónica da literatura chilena. Na sequência da morte de Doris Dana, a secretária particular de Mistral nos Estados Unidos, e até ao fim da vida, herdeira de todos os documentos pessoais da poeta, foi publicada a correspondência entre as duas mulheres: torna-se de súbito evidente que a *mulher-virgem-santa* era lésbica.

Mistral na Embaixada Cultural de 1935

Mistral era a única mulher entre os homens de letras que António Ferro convidou em 1935 para assistir às Festas da Cidade de Lisboa. A esse grupo de letrados estrangeiros que passou por Portugal, numa operação de charme e de propaganda orquestrada pelo Secretariado de Propaganda Nacional (SPN), convencionou-se chamar de Embaixada Cultural de 1935 (Medina 1977: 20-23).

Eram quase todos escritores, uns consagrados, outros apenas pretendentes, outros eram críticos, filósofos ou humoristas, mas todos bem posicionados entre as elites dos respetivos países. Rastreando a imprensa da época, conseguimos identificar pelo menos 19 personalidades, entre franceses, belgas, espanhóis e alemães. Num grupo francófono podemos incluir François Mauriac, Georges Duhamel, Jacques Maritain, Jules Romains e ainda Maurice Maeterlinck. Num grupo hispânico podemos incluir Unamuno, Mistral, Ramiro de Maeztu, Marquês de Quintanar e Fernández Flórez. Entre os alemães, Ernst Robert Curtius e Hans Friedrich Blunck. E depois havia outras figuras, numa segunda ou terceira linha de importância, sobretudo críticos e jornalistas, como Jérôme Tharaud ou Pierre Daye, cujos nomes aparecem, em certas ocasiões, mal transcritos pelos jornalistas portugueses, por exemplo, «Frederic Gregh» (Fernand Gregh), «Emílio Vinllernges» (Émile Vuillermoz), «Conde Ornesson» (Wladimir d'Ormesson) ou «Paul Orekoert» (Paul Crokaert). E ainda o brasileiro Ribeiro Couto.

A imprensa, porém, não se digna a identificar a poeta chilena entre os vultos da cultura estrangeira. Na revista *Ilustração* de 6 de junho, por exemplo, só se destacam os homens mais famosos, à época, aponta os «célebres escritores europeus» e o texto é suportado com fotografias de cinco escritores estrangeiros. No jornal *Diário de Lisboa*, vários destes autores são alvo de maior ou menor atenção, como Unamuno (4 de junho), Jules

Romains (4 e 5 de junho), Maeterlinck e Wladimir d'Ormesson (14 de junho) e Duhamel (a 18 de junho), mas nem uma linha sobre Gabriela Mistral.

Note-se que a imprensa portuguesa enumera indiscriminadamente os membros da embaixada cultural não conseguindo separar o trigo do joio. Para os repórteres portugueses aqueles estrangeiros são todos grandes escritores, misturam tudo, um Mauriac igualado a um Pierre Daye. Mas Fernanda de Castro, nas suas *Memórias*, depura melhor, destacando apenas «Maeterlinck, Gabriela Mistral e François Mauriac» (Castro 1986: 56), deixando todos os outros na sombra. Júlio Dantas também faz uma seleção mais apertada – «Maeterlinck visitou Portugal – na mesma oportunidade em que nos visitaram Mauriac, Unamuno, Maritain, Ramiro de Maeztu, Jules Romains, Tharaud, Vladimiro Ormesson» (Dantas 1972: 93) – e deixa os demais na obscuridade, incluindo Mistral.

Em suma, havia uma mulher no grupo de literatos mas só muito raramente era mencionada pelos jornalistas.

Se é verdade que a imprensa portuguesa mal dá pela presença de Mistral, também é verdade que há pontuais exceções. O semanário *Bandarra* faz a *Saudação* aos «hóspedes ilustres» (*Bandarra*, nº 13, 08/06/1935) e não se esquece de apontar entre eles, embora em último lugar, a chilena. Mas nos números seguintes não se lhe dedica qualquer destaque, ao passo que para os outros convidados, incluindo os escritores de segunda linha, se fizeram artigos de destaque, fosse excertos de obras, entrevistas ou outro tipo de artigo.

O *Diário de Notícias* informa que «Gabriela Mistral, a célebre poetisa chilena, já está em Lisboa» (*Diário de Notícias*, nº 24902, 03/06/1935). Uma frase curta, que aparece de raspão, no fim da notícia sobre a iminente chegada dos estrangeiros. Mistral terá sido a primeira das figuras convidadas a chegar a Lisboa, já cá estava antes de todos os outros chegarem. É pela carta de março de 1935 a Fernanda de Castro que sabemos que António Ferro lhe teria enviado uma missiva convidando-a a estar presente: «Ferro me habló de ir en una excursión de escritores» (Arquivo FAQ – PT/FAQ/AFC/01/0313/00003).

Mais tarde encontra-se, no mesmo jornal, no contexto de uma notícia sobre o 10 de junho, uma referência verdadeiramente singular na imprensa portuguesa. Porque as Festas da Cidade de Lisboa se sobrepunham ao Dia de Camões, o SPN considerou o envolvimento dos estrangeiros: discursos e o descerrar de lápide junto ao Arco de Santana, onde se pensava ter vivido Luís de Camões aquando do seu regresso

da Índia. Mas o SPN acrescentou outros eventos paralelos. O alemão Blunck foi aos Jerónimos depositar uma coroa de flores no túmulo de Luís de Camões. Os demais intelectuais estrangeiros foram convidados a depositar flores no Monumento a Camões, no Chiado. Mistral foi fotografada no instante que também ela depunha flores e essa fotografia foi publicada nas páginas centrais do *Diário de Notícias* com a legenda: «Gabriela Mistral depondo flores no monumento a Camões» (*Diário de Notícias*, nº 24910, 11/06/1935). Trata-se da mais evidente referência à presença da poeta chilena em Portugal. Não sabemos se chegou a discursar, pois o jornal só faz referência ao discurso de Unamuno. Escreve o jornalista: «depois da poetisa Gabriela Mistral haver deposto um ramo de cravos amarelos e lilases, usou da palavra o insigne pensador espanhol D. Miguel Unamuno» (*Diário de Notícias*, nº 24910, 11/06/1935).



Figura 1 – Fotografia de Gabriela Mistral no Diário de Notícias (*Diário de Notícias*, nº 24910, 11/06/1935).

Só no limite, quando era necessário repescar mais um elogio ao regime, os jornalistas se lembravam de revelar as palavras de Mistral. Exemplo disso encontra-se no jornal local *O Despertar* que apresenta as palavras que terá dito no dia de despedida em Coimbra: «Grande pátria para os Portugueses e refúgio para os europeus fatigados da civilização viciosa. Deus lhe guarde as suas virtudes e lhas aumente» (*O Despertar*, nº 1858, 26/06/1935).

Unamuno e Mistral

Em nosso entender, a passagem de Mistral por Portugal em junho de 1935 foi mais importante do que tem sido internacionalmente reconhecido. Não foi ainda dada a devida atenção às marcas deixadas por Portugal na vida da poeta chilena. Faz-se referência vaga a determinados factos sem dar o devido foco ao lugar e momento em que aconteceram e porque aconteceram.

A primeira dessas marcas importantes na vida de Mistral foi o encontro pessoal com Unamuno. Note-se que a janela de oportunidade de encontro histórico entre os dois é muito curta: Mistral só chegou a Espanha em 1934 e Unamuno morre logo em 1936. Portanto, cerca de três anos para determinar uma circunstância onde se encontram os dois no mesmo lugar e com disponibilidade para comungar espiritualmente. É certo que se correspondiam antes de 1934, há provas documentais disso mesmo, conheciam as respetivas obras, mas antes daquela data nunca se tinham encontrado face a face. Morejón, no seu magnífico estudo *Unamuno y Portugal* (1971), descurou a relação entre Unamuno e Mistral, e não faz qualquer referência relevante à chilena.

O primeiro encontro presencial entre um e outro ocorreu em 1934. Os dois conheceram-se «personally for the first time in Salamanca on October 28, 1934. She, at forty-five, in her prime, was a well-tuned violin, determined to be heard. Unamuno, at seventy, had already played his best music» (Rudd 1977: 42). O encontro terá sido na casa do próprio Unamuno, na Calle Bordadores, e não na universidade, mas não foi um encontro a sós. Não foi uma ocasião para uma conversa de partilha pessoal. No gabinete do salmantino estavam «seven people sat in uneasy silence» (Rudd 1977: 42) e esse primeiro encontro não terá sido o mais sereno pois dividia-os o tema dos «índios» da América Latina.

O encontro com Unamuno ocorreu a pedido de Mistral na sequência de um «memorable incidente con los españoles» (Rodig 1957: 290) em que Mistral se sentiu insultada. Havia sido convidada para um almoço de intelectuais em Madrid e entre os convivas só havia palavras de menosprezo pelos indígenas sul americanos. O encontro com Unamuno seria uma tentativa de reparo e procura de um aliado ético contra tal menosprezo: «se fué a interpelar a Don Miguel de Unamuno exponiéndole lo ocurrido y apelando a él como a lo más puro de la conciencia de España» (Rodig 1957: 291), mas Unamuno não foi sensível aos seus argumentos «en favor del número de los indígenas y mestizos» (Rodig 1957: 291). Segundo as suas próprias palavras, no diário íntimo, «don Miguel, me ha dicho hace días que el indio americano debe desaparecer» (Quezada 2002: 130).

É verdade que alguns tomam como certo que o encontro entre Mistral e Unamuno é anterior. Sabendo-se que Mistral teve residência em França entre 1927 e 1928, coincidindo com a presença de Unamuno ali, por altura do desterro a que fora condenado por Primo de Rivera. Alguns autores admitem que nesse período houve oportunidade para os dois se encontrarem em Paris. Porém, Unamuno não permaneceu todo o tempo de desterro em Paris e «al cabo de trece meses de destierro en París, a fines de agosto de 1925, Miguel de Unamuno sale para Hendaya donde permanece hasta febrero de 1930» (Rabaté 2002: 71). A sentença real condenara-o ao desterro nas Canárias: mas só lá esteve quatro meses, pois fugiu para Paris e depois mudou-se para Hendaya, para estar mais próximo de Espanha. Portanto, quando Mistral chega a França em 1927 já não o encontra em Paris.

Nos meses seguintes houve ocasiões de encontro e nós podemos provar que foi em Portugal que os dois viveram a circunstância inédita de verdadeira comunhão espiritual. Não havia uma lista de tarefas diante deles, apenas o tempo livre para o diálogo. Durante os cerca de quinze dias que Unamuno e Mistral coincidiram em Portugal em junho de 1935 terão desenvolvido uma relação de proximidade que não se explicaria apenas pela comunhão linguística. Haveria também uma proximidade de valores éticos, políticos e literários. E até de temperamento. Fernanda de Castro, a propósito de Unamuno, diz que «não era fácil fazer sorrir D. Miguel de Unamuno: ou falava de coisas graves com ar grave, de coisas profundas com ar profundo, ou mergulhava num silêncio denso que ninguém ousava perturbar» (Castro 1986: 271), mas que «só o

ouvi falar a sério, de igual para igual, com a poetisa chilena Gabriela Mistral» (Castro 1986: 272). Ou seja, uma das pessoas no grupo por quem Unamuno tinha elevada consideração e afinidade era a poeta chilena, havendo muitos outros membros da comitiva que não granjeavam da mesma consideração.

Outra evidência dessa proximidade entre os dois é a falta de interesse pela pessoa do ditador português. A esmagadora maioria dos convidados ilustres na Embaixada Cultural de 1935 quis conhecer pessoalmente Salazar e entre 10 e 13 de junho registou-se um fluxo constante de convidados à porta do seu gabinete. Apenas Unamuno e Mistral se destacam claramente como figuras que não quiseram reunir com ele.

São várias as fontes que nos dizem que a comitiva de estrangeiros não era um grupo coeso. A expressão usada pelo jornalista do *Jornal de Notícias* de 16 de junho, «formam-se grupos por afinidades espirituais» (*Jornal de Notícias*, nº 139, 16/06/1935), descrevendo o ambiente no banquete no Palácio de Cristal do Porto, é sugestiva. Quando se organizou em caravana a comitiva dos ilustres para a deslocação ao norte de Portugal, passando por lugares icônicos da história e do turismo português, como Nazaré, Alcobaça, Batalha, Coimbra, Bussaco, Curia, Porto, Guimarães e Viana do Castelo, Mistral e Unamuno partilharam o mesmo carro. No relato que Artur Maciel fez desse episódio a João Medina afirma-se que «ao distribuir os convivas pelos carros na ida ao Norte, os organizadores juntaram, por exemplo, Unamuno com Fernández Flórez e com a poetisa chilena Gabriela Mistral» (Medina 1977: 22). Unamuno e Mistral passaram, por isso, longas horas sentados juntos no mesmo carro.

As fotografias existentes comprovam este companheirismo e proximidade entre os dois. Há duas fotografias extraordinárias, conservadas na Biblioteca Nacional do Chile, graças à doação de Doris Atkinson, que ilustram bem a proximidade espiritual entre Unamuno e Mistral.

Uma primeira fotografia (BNDC, *Gabriela Mistral en Portugal*, BN Código: ES0001346) foi tirada diante do Palace Hotel do Bussaco, incluindo, além daqueles dois, o humorista Fernández Flórez, o filólogo alemão Ernst Robert Curtius e ainda uma senhora jovem que era a companhia de Mistral nesta viagem, Magdaleine Cabout. Há dois detalhes nesta fotografia que nos parecem ser significativos: as senhoras estão sem chapéu, por outras palavras, estão cómodas, à vontade, num ambiente informal; e depois, é importante notar que ambas estão sorridentes, claramente satisfeitas com o momento vivido. Isso quer

dizer que tinha sido um momento agradável, pela manhã, pois tinham dormido no Hotel, tiveram a manhã livre, almoçaram no Hotel e só depois do almoço partiram para o Porto onde houve o tal banquete no Palácio de Cristal.



Figura 2 – Mistral no Bussaco (BNDC, *Gabriela Mistral en Portugal*, BN Código: ES0001346).

Mas há uma segunda fotografia, talvez mais significativa ainda, que capta as duas figuras lado a lado, em pé, caminhando ao longo da galilé neomanuelina na fachada nascente do Palácio Hotel do Bussaco. Lembremo-nos que este edifício, projetado pelo italiano Luigi Manini, é muitas vezes considerado o mais belo edifício do revivalismo português. Lembremo-nos que aquela galilé por onde caminharam está revestida de azulejos de Jorge Colaço, que assinalam motivos importantes da literatura portuguesa, nomeadamente a impressionante representação do Adamastor, que Luís de Camões inventou. Podemos, portanto, imaginar Unamuno e Mistral detidos ali para comentar cada um daqueles nódulos do imaginário português, ele o mais amigo dos portugueses e ela uma crescente admiradora da língua portuguesa. Quanto desta conversa, deste convívio, não contribuiu para aprofundar o gosto de Gabriela Mistral pela língua e literatura portuguesas?



Figura 3 – Unamuno e Mistral na galilé do Bussaco (BNDC, *Gabriela Mistral en Portugal*, BN Código: ES0001345).

Portanto, as memórias que Gabriela Mistral recontava aos amigos que a visitavam na casa de Roslyn Harbor, onde passou a fase final da vida, sobre conversas tidas com Unamuno eram, afinal, o produto destas conversas em Portugal. Aquelas conversas de que Mistral se recordava e partilhava foram as conversas tidas na imensa paz da Mata do Bussaco. Talvez no caminho prazeroso entre o Palace Hotel e um lugar na mata a que chamam *Portas de Coimbra*, nada acidentado nem difícil. Ou tão-só nos jardins à francesa que rodeavam o Hotel e o conventinho carmelita.

Marie-Lise Gazarian, que em criança frequentou a casa de Mistral em Roslyn Harbor, recorda-se das conversas da poeta chilena e lembra-se que «me contaba sus conversaciones con otro vasco y gran amigo, don Miguel de Unamuno» (Gazarian 2011: 146).

Sabemos muito bem em que dia as duas fotografias foram tiradas. A comitiva da Embaixada Cultural já tinha deixado Lisboa, pois os festejos já haviam terminado, e deslocava-se em passeio até ao norte de Portugal. Na sexta-feira, dia 14 de junho, a comitiva já tinha passado em Nazaré e Alcobaça; e, ao fim do dia, chegaram ao Bussaco. No dia seguinte, no sábado, a comitiva passou a manhã inteira na Mata do Bussaco, a mata que cerca o Hotel. Julgamos que Gabriela Mistral se tenha sentido maravilhada, pois é o mesmo enquadramento que veio mais tarde a eleger para si na casa em Roslyn Harbor, Long Island, Nova York, também completamente rodeada de natureza, árvores e arbustos. Portanto, o dia em que houve comunhão espiritual perfeita entre Unamuno e Mistral foi o dia 15 de junho de 1935.

Cônsul Profissional

A segunda marca importante na vida de Mistral que se deve a Portugal foi a obtenção do estatuto de Cônsul profissional. Até então o seu lugar era «un pobre consulado honorario de renta infeliz, de derechas, como el que tengo hoy» (Quezada 2002: 135) e é em Portugal que a carreira diplomática de Gabriela Mistral se consolida. A maioria dos autores sabe apontar o facto, mas sem dar muita importância às circunstâncias em que ocorre. Rossardi diz laconicamente que «es allí donde recibe la buena nueva de su designación de Cónsul Vitalicio» (Rossardi 2011: 25).

No início de 1935 Mistral solicitou por escrito ao Presidente do Chile, Alessandri Palma, a nomeação como cônsul de carreira. As duas figuras não são próximas. Alessandri acede, a contragosto, mas não tem pressas. Mistral suspeita que tudo se resume a um simulacro, mas, por fim, a lei chega ao Senado. Gabriela suspeita que Alessandri nunca teve genuína vontade de lhe conceder o lugar: «tal vez Alessandri no esperaba este resultado y creyó cumplir enganandome» (Quezada 2002: 130). Com a firme suspeita que o Presidente apenas protelava, Mistral resolveu aumentar a pressão e é entregue, no verão de 1935, uma petição assinada por várias figuras internacionais: «they petitioned Chilean

President Alessandri on her behalf, telling him that she deserved regular employment» (Horan 2009: 411).

A muitos investigadores não escapa a existência desta petição, mas a todos escapa a noção da coincidência entre os subscritores da petição e os membros da embaixada cultural que visitou Portugal em 1935. Quando se aborda o tema da petição faz-se uma vaga referência às figuras com quem se tinha relacionado em Portugal, «the international group of fourteen eminent European writers, many of whom had traveled with her to Portugal» (Horan 2009: 411). Mas nesses autores a relação com Lisboa é sempre tida como contingente. Quando Covarrubias comenta que em «respuesta a una petición firmada por escritores como Unamuno, Ferrero, Duhamel y Maeterlinck, el presidente de la república de Chile Arturo Alessandri Palma crea en 1935 una ley especial por la cual nombra a Gabriela Mistral cónsul vitalício» (Covarrubias 2011: 206), mantém o mesmo tom vago que não vincula necessariamente a petição e Lisboa.

Para muitos autores não está clara a correlação direta entre a estadia em Portugal e a concretização da petição: não foi à margem de Lisboa que a petição surgiu, foi por causa de Lisboa que a petição surgiu. A correspondência de Mistral conservada na Fundação António Quadros (FAQ) confirma o vínculo estreito com Lisboa. Numa carta a Fernanda de Castro, datada de 27 de setembro de 1935, Mistral informa com grande entusiasmo que o governo do Chile aprovou a Lei que permitiria a criação de um cargo especial para si na carreira diplomática e torna bem clara a sua dívida para com o casal Ferro: «y yo no olvidaré nunca que este grande bien partió, nació, de Portugal y de todos a quienes debo ese viaje allá de D. António, es decir de usted» (Arquivo FAQ – PT/FAQ/AFC/01/0313/00004). E adiante sublinha novamente a importância: «el proyecto de ley ya estaba hecho, pero las firmas de Lisboa y la de los escritores que ustedes llamaron allá, dieron a esa ley un carácter a-político que yo quería que tuviese» (Arquivo FAQ - PT/FAQ/AFC/01/0313/00004).

Num texto redigido em Lisboa e publicado no diário chileno *El Mercurio*, primeiro, e no diário Madrileno *El Sol*, depois, Mistral revela que a tal petição não foi senão um telegrama enviado e assinado por todos os presentes em Lisboa: «es probable que hayan ustedes querido aludir a un telegrama dirigido a nuestro Presidente Alessandri por catorce escritores europeos, y que lleva las firmas, muy honrosas y por mi sobrestimadas, de D. Miguel de Unamuno y de D. Ramiro de Maeztu» (*El Sol*, nº 1917,

12/11/1935). Se afastarmos as personalidades de um perfil ideológico oposto a Mistral, e acolhendo desde logo aqueles que refere explicitamente, então poderíamos arriscar em dizer que os 14 petição decisivos foram: (1) Miguel de Unamuno, (2) Ramiro de Maeztu, (3) Maurice Maeterlinck, (4) François Mauriac, (5) Georges Duhamel, (6) Jacques Maritain, (7) Jules Romains, (8) Fernand Gregh, (9) Jérôme Tharaud, (10) Wladimir d'Ormesson, (11) Émile Vuillermoz, (12) Ernst Robert Curtius, (13) Fernández Flórez e (14) António Ferro. Note-se que esse «Ferrero» que Covarrubias refere, só pode tratar-se de uma corruptela de Ferro.

Em suma, não apenas alguns mas sim todos os subscritores da petição, tida por decisiva, estiveram junto de Mistral por ocasião das festas de Lisboa e eram membros da Embaixada cultural organizada por Ferro. O presidente do Chile acabaria por promulgar em outubro a lei especial que dava o estatuto de Cônsul Vitalício a Gabriela Mistral.

Gabriela Mistral em Coimbra

Apesar do silêncio que caiu sobre a presença de Mistral em Coimbra, o rastreamento da sua passagem pela cidade é fácil de fazer na medida em que a sabemos integrada num grupo. É possível reconstituir o itinerário da comitiva pela cidade através da consulta do *Diário de Coimbra* do dia 20 de junho. Pelo que descreve o jornalista sabemos que Mistral chegou a Coimbra ao fim da manhã de quarta-feira, dia 19, vinda do Hotel da Curia, numa notícia com o título «Esteve ontem em Coimbra a embaixada intelectual estrangeira que visitou a universidade e o museu Machado de Castro» (*Diário de Coimbra*, nº 1732, 20/06/1935).

A estadia em Coimbra terminou com uma refeição tardia no restaurante do Hotel Astória. A seguir ao repasto todos tomaram o comboio *Sud Express* que os levaria de volta a Espanha, para uns, e a França, para outros. Mas antes dessa derradeira pausa, o grupo foi conduzido a conhecer três locais fundamentais na cidade: a Universidade de Coimbra, o Museu Machado de Castro e a Sé Velha. A paragem mais demorada terá sido na Universidade e prova disso é que depois da visita pelos espaços históricos da mais antiga universidade portuguesa, a Sala dos Capelos, a Biblioteca Joanina e Capela de S. Miguel, houve tempo para várias fotografias. Com Mistral conseguimos detetar a existência de três fotografias diferentes no pátio do *Paço das Escolas*.

A mais importante é a fotografia de grupo conservada na FAQ que capta os membros da Embaixada Cultural de 1935 (Arquivo FAQ - PT/FAQ/AFC/06/0002/01455) que ainda estavam em Portugal a 19 de junho. Nem Mauriac, ou Duhamel ou Maritain constam, pois já haviam partido dois dias antes no *Sud Express*. Outros ficaram para o programa completo: depois do Porto seguiram para Aveiro, Vista Alegre e Curia e, por fim, Coimbra. Naquela fotografia aparece Maurice Maeterlinck ladeado por Eugénio de Castro, à sua direita, e Fernand Gregh, à sua esquerda, e perto estão Unamuno e o Marquês de Quintanar. As senhoras estão agrupadas à esquerda da imagem, todas de chapéu, o que denota formalidade, e nenhuma exibe um sorriso explícito. Em total contraste com as fotografias captadas no Bussaco, aqui Mistral não sorri, o seu ar é carrancudo, não estava à vontade, não estava feliz.



Figura 4 – Fotografia de grupo no Paço das Escolas (Arquivo FAQ - PT/FAQ/AFC/06/0002/01455).

A segunda fotografia foi publicada num periódico espanhol ainda não determinado, descoberta fortuitamente como recorte de imprensa solto incluído num livro de Mistral à venda num alfarrabista digital. Apesar

da longa maratona na Biblioteca Nacional de Espanha, em Madrid, consultando os números do jornal *ABC* de 1935, e de outros títulos, não conseguimos comprovar a origem daquele recorte. A fotografia mostra Mistral menos sisuda ao lado de Maeterlinck, o autor da peça infantil *L'Oiseau Bleu* (1908) – e inspiração para o apodo dado por Mistral à menina Marie-Lise Gazarian, *la Niña Azul*, visita frequente na casa de Roslyn Harbor. A fotografia é claramente no interior do *Paço das Escolas* e vê-se atrás a Torre da Universidade e a Via Latina já sem os alunos que se viam na primeira fotografia.



Figura 5 – Recorte de jornal com Mistral e Maeterlinck.

A terceira fotografia aparenta ser menos formal, pois não contempla, para além de Mistral, nenhuma das senhoras presentes na foto de grupo da Embaixada Cultural (BNDC, *Gabriela Mistral en Lisboa*, BN Código: ES0001129). As três senhoras estão diante do portal da Biblioteca Joanina, apesar de não estar visível, e Mistral está à esquerda. Mais uma vez a chilena não tem um ar sorridente, as outras duas talvez, sendo mais óbvio na senhora ao centro. A senhora da direita tem nas mãos um ramo de flores. Quem seriam? De acordo com a descrição da Biblioteca Chilena, na fotografia temos «Gabriela Mistral junto a la señora Maeterlink y una amiga», mas acreditamos estar errada, pois outras fotografias no mesmo dia e na mesma cerimónia mostram madame Renée Dahon vestida de um modo diferente. As filhas de Eugénio de Castro não seriam, talvez familiares de alguns professores ali presentes? A esposa de João da Providência Costa?



Figura 6 – Mistral e senhoras no pátio do Paço das Escolas (BNDC, *Gabriela Mistral en Lisboa*, BN Código: ES0001129).

Nada nos seus *Recados* sobre a cultura portuguesa nos insinua que se tenha impressionado com os monumentos de Coimbra. Talvez não tenha achado a Sé Velha um edifício românico tão entusiasmante quanto os sepulcros góticos de Alcobaça. Talvez não tenha achado as coleções do Museu Machado de Castro realmente deslumbrantes.

Residência de Mistral em Portugal

O artigo de Elizabeth Horan sobre a passagem de Mistral por Portugal deixa um tanto a ideia que a chegada a Lisboa, vinda em fuga de Madrid, foi qualquer coisa de não planeado. Mas Horan não leu as cartas que Mistral enviou ao casal Ferro e que estão no Arquivo da FAQ. Se o momento em que veio não era o planeado, a ideia de mudar-se para Lisboa já existia. Apesar de ter chegado à pressa, há muito que planeava a mudança, por causa do clima ameno de Lisboa melhor que o de Madrid.

Há uma carta sem data dirigida a Fernanda de Castro, que terá sido escrita em maio de 1935, em que Mistral revela o quanto ficou a gostar de Portugal logo ao primeiro contacto: «hace seis meses, yo me fui a Portugal, por unos dias y creame que sali de alli en un clima de cabal devoción y de una curiosa ternura respecto de ese pais» (Arquivo FAQ - PT/FAQ/AFC/01/0313/00006) e mais adiante, na mesma carta, afirma que «a mi me traeria la mayor tranquilidad y la mayor alegria afincar en ese pais, que me llena el gusto» (Arquivo FAQ - PT/FAQ/AFC/01/0313/00006). Mistral estava a referir-se à primeira viagem a Portugal em dezembro de 1934, onde passou uns dias em Lisboa e que deu origem ao primeiro *Recado* sobre Portugal. Foi uma viagem de automóvel atravessando a Castela e a Estremadura espanholas, na companhia de Palma Guillén, entrando em Badajoz e em Évora. Em Évora, última pausa antes de chegar a Lisboa, visitou o templo de Diana, a catedral e o Convento de S. Francisco (Mistral 2020a).

Muito cedo Mistral tratou de pedir ajuda a António Ferro para procurar uma residência em Portugal, pois numa carta de março de 1935 diz: «me dice usted, con una bondad grandísima que está ocupándose ya del asunto de mi casa buscada. Ah, yo no tengo como agradecerle un servicio tan profundo» (Arquivo FAQ - PT/FAQ/AFC/01/0313/00003). Mistral procura uma casa em Lisboa, ou na

área de Lisboa, e especifica com todo o detalhe as características que a casa deveria ter. Por estas cartas se percebe que a chilena já estava a planear uma mudança para Portugal. Não queria continuar em Madrid: «estoy decidida a ir a Portugal de nuevo a ver casas y a consumir este acto decisivo de establecerme allí» (Arquivo FAQ - PT/FAQ/AFC/01/0313/00006). Além disso apresenta razões para isso «soy reumática y me conviene mucho sol y poca humedad» (Arquivo FAQ - PT/FAQ/AFC/01/0313/00006). A nota mais surpreendente nesta correspondência é descobrir a absoluta determinação de Gabriela Mistral em mudar-se para Portugal, ao ponto de considerar o abandono da carreira diplomática: «Yo estoy decidida a dejar mi cargo de Cónsul, porque no consigo de mi Gobierno traslado a un clima caliente» (Arquivo FAQ - PT/FAQ/AFC/01/0313/00006).

Mistral chegou a Portugal para uma estadia prolongada em outubro de 1935 e só em dezembro conseguia alugar um apartamento adequado, na Av. António Augusto de Aguiar, nº 191, com vista para os jardins (hoje) da Fundação Gulbenkian. Mas essa não haveria de ser a sua morada definitiva. Mais tarde alugou um apartamento não muito longe do primeiro, na rua Ramalho Ortigão, 11, onde passou mais tempo, pelo que hoje o edifício exibe uma lápide que guarda a memória da residência de Mistral.

Apenas 10 meses depois de estabelecer-se em Lisboa rebenta em Espanha a guerra civil. Mistral passou a organizar a fuga de refugiados políticos do campo republicano, desenhando rotas de escape que os fazia chegar a Lisboa para depois os embarcar para o México. Nada interessado nisso, o governo chileno tentou bloquear as ações de Mistral; o que lhes interessava era a venda de minério ao regime de Franco. Para libertar-se do bloqueio em Lisboa, ainda tentou uma mudança para o Consulado do Porto, mas já não foi a tempo de libertar-se da maquinação que a queria ver afastada de Portugal e recebe ordem de transferência para a Guatemala. Acabaria por ir, depois de muitas vicissitudes, para o Brasil.

Mistral fez tudo o que estava ao seu alcance para adiar a saída da Europa, aproveitando todos os motivos para prolongar a sua presença. De dezembro de 1936 a agosto de 1937, a estadia em Lisboa já não foi permanente, mas sim intermitente, pois ocupou-se em inúmeras deslocações a várias cidades europeias, Paris, Genebra, Copenhaga, para atender a eventos e congressos que seriam, argumentava, do maior

interesse para o Chile. O último *Recado* escrito em Portugal, o *Recado sobre os Sepulcros de Alcobaça*, data de maio de 1937.

Mistral estava bem em Lisboa, estava muito agradada com a temperatura amena de Lisboa e muito empenhada no seu esforço de apoio aos refugiados. Mistral não queria sair de Portugal: «no deseaba otra cosa sino quedar indefinidamente en mi Portugal» (Arquivo FAQ - PT/FAQ/AFC/01/0313/00007). Mistral queria ficar em Portugal: «a mi me ha dado una grande, una profunda pena dar mi vida de paz de este Portugal medio-angélico, donde yo mejoro bastante mi salud y donde he tenido un año de felicidad, nada menos que de felicidad» (Quezada 2002: 141). Por estes testemunhos se pode perceber que muito da *errância* de Gabriela Mistral pelo mundo não foi, afinal, sempre *voluntária*.

Conclusão

Poucos biógrafos deram uma atenção peculiar ao período português da errância de Mistral pelo mundo. Constata-se agora que foi uma etapa mais importante do que tem vindo a ser reconhecido internacionalmente.

Mostrámos que tem ficado invisível a noção que foi em Portugal, e não em Espanha ou França, que Mistral teve a oportunidade excepcional de comungar espiritualmente com Unamuno. Os laços fortes que uniram os dois intelectuais foram consolidados em Portugal, sendo especialmente propício o momento vivido na Mata do Bussaco em 15 de junho de 1935.

Deixámos também provado que a famosa petição dirigida por um conjunto de letrados ao Presidente do Chile não é, afinal, independente de Portugal. Pelo contrário, aconteceu por causa do evento organizado por António Ferro e há uma coincidência direta entre os peticionários e os membros da embaixada cultural de 1935.

Conseguimos também determinar com clareza o momento em que Mistral esteve na cidade de Coimbra e visitou a sua Universidade. Podemos, por isso, incluir o nome de Mistral como um dos vultos literários que visitou Coimbra.

Por fim, deixámos pistas relevantes para mostrar que a estadia de Mistral em Portugal não foi uma contingência irrelevante, como tem transparecido noutras sínteses, mas fruto de uma decisão calculada. Mostrámos também que foi feliz o tempo passado em Portugal; e não querendo sair, teve de o fazer, porque foi forçada.

Fontes

Arquivo de correspondência da Fundação António Quadros (FAQ) – Caixa 022. PT/FAQ/AFC/01/0313/00003; PT/FAQ/AFC/01/0313/00004; PT/FAQ/AFC/01/0313/00006; PT/FAQ/AFC/01/0313/00007.
Arquivo fotográfico da Fundação António Quadros (FAQ) – Caixa 06-09 – PT/FAQ/AFC/06/0002/01455.
Biblioteca Nacional Digital de Chile: Archivo del Escritor – *Gabriela Mistral. Gabriela Mistral en Portugal* [fotog.] (BN Código ES0001346); *Gabriela en Portugal* [fotog.] (BN Código ES0001345); *Gabriela Mistral en Portugal* [fotog.] (BN Código ES0001129); *Palabras pronunciadas por Gabriela Mistral cuando recibió el Premio Nobel* [manus.] (BN Código AE0014582).

Fontes na Imprensa

Bandarra: Semanário da Vida Portuguesa, nº 13 (22/06/1935).
Diário de Coimbra, nº 1732 (20/06/1935).
Diário de Notícias, nº 24902 (03/06/1935); nº 24910 (11/06/1935).
El Sol, nº 1917 (12/11/1935).
Ilustração, nº 228 (06/06/1935).
Jornal de Notícias, nº 139 (16/06/1935).
O Despertar, nº 1858 (26/06/1935).

Bibliografia

Casa da América Latina (2019). *Carlos da Veiga Ferreira: “Para mim a Gabriela Mistral é uma poeta mais importante do que o Pablo Neruda”* – Casa América Latina em Lisboa. Retrieved January 21, 2025, from <https://casamericalatina.pt/2019/07/04/carlos-da-veiga-ferreira-para-mim-a-gabriela-mistral-e-uma-poeta-mais-importante-do-que-o-pablo-neruda/>

Caballé, Ana (1993). “Gabriela Mistral en Madrid”, *Anales de Literatura Hispanoamericana*, 22, 231-246.

Castro, Fernanda (1986). *Ao Fim da Memória. Memórias (1906-1939)*. Barcelos: Editorial Verbo.

- Covarrubias, Jorge (2011). "Tras las huellas de Gabriela Mistral en Nueva York", in *Gabriela Mistral y Los Estados Unidos*. Nueva York: Academia Norteamericana de la Lengua Española. ISBN 978-0-578-0531.
- Dantas, Júlio (1972). *Grandes Figuras*. Lisboa: Tipografia Ideal.
- Gazarian, Marie-Lise (2011). "Recordando a Gabriela Mistral", in *Gabriela Mistral y Los Estados Unidos*. Nueva York: Academia Norteamericana de la Lengua Española. ISBN 978-0-578-0531.
- Gullberg, Hjalmar (1945). *Award ceremony speech. The Nobel Foundation*. Retrieved February 2, 2026, from <https://www.nobelprize.org/prizes/literature/1945/ceremony-speech/>
- Horan, Elizabeth (2009). "Consul Gabriela Mistral in Portugal, 1935-1937: "Un policía en la esquina y dos o tres espías adentro del hotel"", *Historia*, 42, II, 401-434.
- Medina, F. (1977). *Salazar em França*. Venda Nova – Amadora: Ática
- Mistral, Gabriela (2020a). "Viaje al escenario maravilloso de la nación portuguesa", in *Obra Reunida Gabriela Mistral*, Tomo VII – Prosa. Santiago de Chile: Ediciones Biblioteca Nacional. ISBN: 978-956-244-499-6.
- « — » (2020b). *Obra Reunida Gabriela Mistral*, Tomo VIII – Cartas. Santiago de Chile: Ediciones Biblioteca Nacional. ISBN: 978-956-244-507-8.
- Morejón, Julio (1971). *Unamuno y Portugal*. Segunda edición corregida y aumentada. Madrid: Biblioteca Románica Hispánica, Editorial Gredos, SA.
- Pergoux-Baeza, Catherine (2018). "Gabriela Mistral et le Prix Nobel, ou le revers de la médaille", in Le Nan, Brünig, Pergoux-Baeza (eds.), *Voix de femmes dans le monde*. Presses universitaires de Rennes. <https://doi.org/10.4000/books.pur.87468>
- Quezada, Jaime (2002). *Bendita Mi Lengua Sea – Diario íntimo de Gabriela Mistral (1905-1956)*. Santiago: Biblioteca del Bicentenario, Planeta / Ariel.
- Rabaté, Jean-Claude (2002). "El destierro de Miguel de Unamuno en París", *Cuaderno Gris*, Época III, 6, 71-82 (Monográfico: *Unamuno y Europa: nuevos ensayos y viejos textos* / Pedro Ribas (coord.). Universidad Autónoma de Madrid). ISSN - 0213-6872.
- Rodig, Laura (1957). "Presencia de Gabriela Mistral", *Anales de la Universidad de Chile*, 106, 282-292.
- Rudd, Margaret (1977). "The Spanish Tragedy of Gabriela Mistral", *Romance Notes*, 18, 1, 38-48. <http://www.jstor.org/stable/43801461>

- Teitelboim, Volodia (1996). *Gabriela Mistral, Publica y Secreta – Truenos y Silencio en la vida del primer Nobel latinoamericano*. Editorial Hermes. ISBN 968-446-204-2.
- Rossardi, Orlando (2011). “Los Rostros de Gabriela”, in *Gabriela Mistral y Los Estados Unidos*, Nueva York: Academia Norteamericana de la Lengua Española. ISBN 978-0-578-0531.

